

Relatório Executivo Oficina de Trabalho Rede Diáspora Brasil 07 de outubro de 2013

Georgetown University Hotel and Conference Center, sala H, 3800 Reservoir Rd NW, Washington, DC

A Oficina de Trabalho de Lançamento da Rede Diáspora Brasil ocorreu em Washington no dia 07 de outubro de 2013, na Universidade de Georgetown, e contou com a presença da comunidade brasileira de profissionais da área de ciência, tecnologia e negócios da região de Washington, **Maryland** e São Diego bem como de representantes de Boston.

A mesa de abertura foi composta por **Spiros Dimolitsas**, Vice-presidente sênior de Pesquisa da Universidade de Georgetown; **Howard Federoff**, Vice-presidente executivo de Ciências da Saúde da Universidade de Georgetown; **Carolina de Cresce El Deb**- Primeira- Secretária da Embaixada do Brasil em Washington e **Eduardo Rezende**, Coordenador do projeto Rede Diáspora Brasil na Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial.

O Dr. Dimotlissas abriu a Oficina de Trabalho agradecendo a oportunidade de abrigar a Oficina de Trabalho na Universidade de Georgetown. A Comunidade da Universidade tem um alto nível de interesse em colaborar com as Instituições brasileiras, e em facilitar e apoiar essa troca de informações e discussões em todos os níveis do ecossistema de inovação.

Logo em seguida, foi a vez do Dr. Federoff dar suas boas vindas aos participantes da Oficina de Trabalho, asseverando a importância para o departamento de Ciências da Saúde de apoiar a realização do evento de lançamento da Rede Diáspora Brasil em Washington.

Por conseguinte, a representante da Embaixada do Brasil em Washington, Carolina Deb, parabenizou a iniciativa da Abdi, por valorizar o capital humano brasileiro expatriado, bem como suas possibilidades na contribuição para o desenvolvimento nacional.

Ato Contínuo, Eduardo Rezende deu as boas vindas a todos os participantes da Oficina, dando início aos trabalhos e discussões programadas na agenda do evento.

Rede Diáspora Brasil: Proposta e Logística de Funcionamento

Foram dadas as Boas Vindas aos participantes da Oficina de Trabalho de lançamento da Rede Diáspora, sendo logo em seguida feita uma breve apresentação sobre a ABDI e o projeto, além da equipe técnica responsável pela gestão da rede, composta pela Lanna Dioum e Rodolfo Milhomem.

Foram feitas as atualizações sobre o desenvolvimento atual da rede, demonstrando a dinâmica que o projeto pretende ter. Existe um grande potencial de participação, que se tornou mais concreto com a criação do portal da Rede Diáspora Brasil, em conjunto com as atividades de coordenação e articulação que estão sendo realizadas, tanto no Brasil com os parceiros institucionais, quanto no exterior, com a realização de eventos presenciais com os membros da diáspora, dentro do qual é exemplo a presente Oficina de lançamento da rede.

No entanto, a rede está passando por um processo de maturação e construção, que aos poucos vai tomando forma através dessa colaboração com os membros da diáspora brasileira, em um processo contínuo de construção conjunta.

Após essa breve apresentação institucional da Rede Diáspora Brasil, a professora Sueli, coordenadora de inovação da Abdi, traçou importantes comentários, que deram a tônica das discussões que viriam logo em seguida. Sua coordenação trabalha com setores tecnológicos, com foco também na área da saúde, biotecnologia, nanotecnologia e ainda recursos humanos para indústria, este último de grande importância para o país. Existem grandes problemas relacionados aos recursos humanos nessas áreas de inovação, para serem utilizados colocar nas empresas. Estamos tentando identificar essas pessoas para fazer essa ponte entre a academia e a indústria. Temos de aproximar essas duas pontas, fazer o trabalho de conexão dentro país da academia com a indústria; tem existido uma abertura dos dois lados, mas ainda há grande caminho a ser percorrido.

Essa reunião, junto com a Diáspora Brasileira, é de extremo interesse da coordenação. Existem pequenas empresas no país na área de tecnologia voltada para



REDE DIÁSPORA BRASIL



saúde humana, sendo um grande problema fazer essa conexão junto com grandes empresas. Projetos serão lançados ano que vem para aproximação e mapeamento interno do que academia tem e o que a indústria demanda. Criar no nível internacional bancos de dados sobre academia, startups e mercado. Sabe-se que existem muitos grupos qualificados de expatriados, estamos dando total apoio ao projeto diáspora.

Primeiro Painel: Conexões da Diáspora Tecnológica com o Brasil: oportunidades, desafios e lições aprendidas.

O moderador deste painel, **Dr. Eliseu (Centro de Desenvolvimento de Fármacos da Georgetown University)**, iniciou as apresentações dizendo que aprendeu muito com expatriado brasileiro, até mesmo o inglês, sendo uma vida longa de aprendizagem. Ressaltou ter visto muitas oportunidades de inovação e de desenvolvimento emergindo no Brasil. Em 2010, acompanhou missão de reconhecimento da Georgetown para identificar áreas que o programa pudesse colaborar. Foram feitas visitas ao Inca, Ufrj, Fiocruz e etc. Foi dado um curso de uma semana para desenvolvimento de fármacos. Também foram oferecidas palestras, com sessões produtivas, discussão de projetos de desenvolvimento fármacos oncológicos. Foram produzidas dez propostas, de forma que o centro médico da Georgetown está muito animado e disposto para colaborar com a academia e a indústria brasileira.

Terminou seus comentários iniciais falando sobre a criação de um Pub-Washington.

Ato contínuo, **Cristina Caldas (representante do Consulado do Brasil em Boston, fundadora do PubBoston)**, disse que o Brasil não tem noção concreta das pessoas que estão fazendo pesquisas de tanta excelência, de quem são esses cientistas brasileiros trabalhando em Boston. O Pub-Boston começou pequeno, os fundadores chegaram a pagar do próprio bolso, pois acreditavam. Há reuniões todos os meses, onde três ou quatro pesquisadores apresentam o que estão produzindo, de modo a estimular um "networking" baseado no que cada um faz. Há exemplo da Rede Diáspora, existe uma diversidade temática. Também possuem grupo no facebook e site.

Observa-se que o Ciências sem fronteiras tem tido benefício direto com a Diáspora, oferecendo oportunidades de estágios com empreendedores brasileiros locais, que recebem estagiários do programa em suas empresas. José Almeida, presidente do

Grupo Covidien, recebeu um grupo do ciências sem fronteiras. Também foi levado um grupo para a empresa que produz a tela do “kindle”, exatamente porque havia uma brasileira nessa organização. Dessa forma, a diáspora já ajuda a criar essas conexões, que podem ser ainda mais ampliadas.

Eduardo do Couto (Centro de Gestão e Estudos Estratégicos) iniciou sua explanação ao falar do primeiro erro que cometeu na estruturação de sua iniciativa de Diáspora Científica, o qual foi colocar profissionais da área científica com os da área de negócios sem uma devida maturação desse relacionamento. O capital é importante, tentou angariar financiamentos em vários pontos, mas não conseguiu, trabalhava como voluntário, até de noite. Em seguida, frisou que submeteu o projeto à Fapesp, o qual não foi aprovado, pois ainda não existia o momento político, um movimento favorável. O maior problema era mesmo a institucionalidade. Tentou uma articulação com o Mre, mas não possuía dinheiro.

Eduardo do Couto disse acreditar que a iniciativa da Abdi vai conseguir dar mais institucionalidade ao projeto Rede Diáspora, e uma maior inserção internacional do Brasil. Ressaltou que a iniciativa não deve se espelhar na Índia e China, haja vista cada sistema ter sua própria idiosincrasia. O Ecossistema brasileiro é complicado, disse que quando chegou de volta ao País foi muito difícil. Veio para o Brasil porque queria colaborar, trabalhar com políticas públicas.

Sobre o tamanho da rede, relacionado com o número de participantes, frisou acreditar em pequenos números, haja vista que isso não tem grande importância. Às vezes, poucas pessoas fazem uma diferença, como no caso do Chile Global, exemplo de rede que não possui milhares de membros e teve impacto profundo no Chile. Também fez uma inferência do número de brasileiros qualificados no mundo, por volta de cinco a quinze mil pessoas, a maioria localizada nos Estados Unidos. A grande dificuldade é depois.

Os brasileiros que estão no exterior se fazem essa pergunta: como posso contribuir com o Brasil?

A sociedade americana estimula muito os padrões de excelência, liderança, que muitas vezes faltam no Brasil. A primeira mensagem é: vamos entender como funciona o Brasil.

Por conseguinte, Ilana Fogelman (Chefe de Operações na Life Tech Research), disse estar nos Eua há 25 anos, cursou medicina na Usp, e depois veio para os Estados Unidos. Cursou o pós doutorado na Universidade de Harvard, pesquisou novos remédios, como medicamentos para hiv, registrando seis na FDA (United States Food and Drug Administration). Há dez anos montou a empresa Life Tech Research, de consultoria, que busca novas tecnologias na área de terapias humana e da indústria, tendo como clientes hedge funds. Montou também quatro startups, um pequeno hedge fund e etc. A empresa queria se instalar no Brasil, onde existem algumas oportunidades comercialmente viáveis.

Sua iniciativa também é de grande utilidade de empresas brasileiras que querem vir para os Eua, funcionando efetivamente como um polo de intercâmbio.

Frisou não possuir tempo de ir ao Brasil constantemente, necessitava ter um intermediário para colaborar, seria excelente. Estruturar um banco de dados onde alguém poderia facilmente encontrar a pessoa certa, onde as pessoas possam catalogar suas áreas de interesse e, dessa forma, conectarem-se.

Márcia de Souza Lima (Diretora da Rede Global para Doenças Tropicais Negligenciadas no Instituto de Vacinas Sabin), disse ter vontade de colaborar com a rede, e sente a necessidade de ser criado esse canal, para exatamente fazer esse "matchmaking". Dra. Márcia é médica formada na Universidade Federal de Minas Gerais, tendo saído do Brasil em 1995. Ressaltou existir certa resistência no Brasil em aceitar o profissional de volta, existindo uma visão de que é uma competição, sendo difícil se estabelecer. Tentou voltar ao Brasil, mas não obteve muito sucesso, voltando aos Eua. Trabalhou na indústria farmacêutica como também no Sistema Único de Saúde (Sus), com experiência em vários países.

Sobre a criação e execução de projetos e parcerias, disse existir um nível de expectativa dos dois lados que algumas vezes não coincide, além de grandes dificuldades para sua operacionalização no Brasil. Existe um enorme interesse nos Estados Unidos pelo Brasil, muito pelo momento atual do país, seu mercado vigoroso, mas também existe um medo, como por exemplo da reputação da burocracia, da corrupção, das leis, da cultura diferente, exatamente por isso existe a necessidade desse canal que está sendo estruturado pela Rede Diáspora.

Existe a necessidade das companhias brasileiras irem para os Eua, e as companhias nos Eua irem para o Brasil, até mesmo para se instalarem no Nordeste. É

necessário criar incentivos onde as pessoas ficam, como também que apoio vai ter para se estabelecer no Brasil.

Logo em seguida iniciou-se a participação dos membros da Oficina, com moderador Dr. Eliseu asseverando que a região de Washington está mais focada nas “Life Sciences” e “Health Sciences”.

A Dra. Adelaide disse que no Brasil o maior índice de publicação também é na área da Saúde, indagou como fazer essa ponte entre a academia e indústria. Existe outro momento no Brasil, a Abdi está ligando todos os elos da cadeia produtiva, desde a pesquisa básica até startups. É necessário vencer os obstáculos e fortalecer os elos que estão sendo estabelecidos, por isso a Abdi, e o Inpi, estão à frente no que é fundamental nesse processo para facilitar isso.

Ilana lembrou de que forma prática vai poder contribuir para a rede Diáspora. Seria interessante os brasileiros registrarem quais são suas áreas de interesse, conhecerem a universidade que se formaram, sua atuação profissional e etc. De que forma também usar o potencial do pub-boston para estruturação de outras redes.

Em seguida, Eduardo disse existir duas grandes questões: 1) identificar quem somos nós, quem são os atores; 2) Outra coisa, seria um mapa de possíveis oportunidades e serviços com a nossa intermediação. Existe certa ansiedade por parte do projeto de como se estruturar isso, seria o caso de se fazer um banco de dados com esses perfis, com uma divisão de tarefas para os membros da Diáspora? A estruturação de como acessar outros perfis. Por exemplo, a primeira tarefa poderia essa estruturação, a Ilana já poderia liderar essa tarefa de fazer a distinção de perfis da região.

Sueli também destacou um terceiro ponto, o fato de já existirem várias startups no Brasil, afirmou possuir esse mapa. Uma das possibilidades de conexão seria a parceria empresa-empresa com o foco maior na geração de negócios. É necessário avançar nas interações empresa-empresa, apesar das dificuldades de regulação existirem, mas que devem ser ultrapassadas.

Por conseguinte, Eliseu disse não ouvir a palavra inovação radical no Brasil, mas que tem convicção de que o país pode entrar nesse esforço.

Em resposta, Sueli disse existir sim interesse, mas que na área da saúde o momento brasileiro ainda era o mercado do SUS, apesar de existir um movimento forte do Ministério da Saúde no desenvolvimento de novas moléculas. Mas na inovação radical, embora as indústrias tenham interesse (Brasil tem balança comercial



REDE DIÁSPORA BRASIL



deficitária), a maioria é ainda estão nas moléculas não inovadoras. No entanto, existe sim interesse na inovação radical, mas para isso é necessário o acesso á nossa biodiversidade, e as coisas vão mudar. Talvez neste ano será aprovada uma nova lei de acesso ao patrimônio genético, mas a inovação radical é ainda pequena. Na sua opinião, não existe falta de dinheiro, mas sim de bons projetos. Disse que isso a preocupa muito.

Ilana indagou se é necessário encontrar um parceiro brasileiro, de uma “startup” por exemplo, para obter apoio do Bndes.

Pedro Álem (Confederação Nacional da Indústria)- disse que existe a necessidade de arrumar um parceiro local, não adianta chegar com identificação americana para buscar recursos no Finep ou Bdns. Primeira dificuldade é achar esse parceiro local que se encaixe na essência da empresa que quer se instalar. Nessa questão, mesmo que envolva um parceiro acadêmico, e muito importante encontrar um parceiro empresarial. O caminho para finep liberar o recurso não é tão complicado. As informações estão no edital. Deve ser interesse da empresa, pra quem esta no Eua, em arrumar parceiros brasileiros, empresa e academia.

É um caminho aberto no Bdes e Finep, eles tem grande interesse nessa temática. Nesse caso empresarial colocou a CNI à disposição, para fazer essa interface, para buscar os parceiros.

A Embaixada do Brasil em Washington seguiu essa opção, no sentido de fazer missões para identificar as empresas e negócios para empresas brasileiras, fazendo visitas tanto aqui quanto lá. É necessário aumentar a ambição dessas informações.

Após essas discussões, o representante da região de São Diego, Fabio Tucci (Epigen Bioscience), iniciou seu relato, dizendo que depois de ter finalizado seu pós-doutorado, foi professor em Pernambuco, mas que percebeu que não era sua vocação. Então decidiu empreender e acabou vindo parar os Eua, onde se encaixou em uma empresa farmacêutica e depois fundou outra. Manteve contato com o pessoal no Brasil para tentar empreender no país também. Disse que esse pessoal estava precisando de uma certa orientação, então aproveitou sua experiência e resolveu incubar duas em empresas na Cetec-Usp (incubadora de empresas), e para isso utilizou-se de um modelo de negócios e buscou financiamento para as pesquisas, com a Fabesp. Dessa maneira conseguiu avançar esses dois projetos que estão em fase de andamento.

A representante da Hypermarchas presente na Oficina, Gisele Pinto, disse que sua empresa está aprendendo a fazer inovação. Houve uma série de aquisições de empresas por parte do grupo, que agora tenta criar uma cultura única. A maior dificuldade é de encontrar profissionais qualificados, para evoluir o foco em inovações incrementais para pesquisas radicais. Também procuram parcerias com esse objetivo, citando a Rede Diáspora como um espaço de oportunidades e troca de conhecimento. O grupo também criou uma diretoria de inovação, com projetos com a Finep, envolvendo nanotecnologia e etc. Como prospectar o mercado no Eua ou outro lugar profissionais e cientistas podem auxiliar nessa jornada de prospecção do mercado nos Eua.

Segundo Painel: Mecanismos brasileiros em ciência, tecnologia e inovação para a ampliação de conexões do Brasil com sua diáspora.

Ato contínuo, o moderador deste painel, Eduardo Castilho(Strategy Brazil), antes de iniciar as discussões, também deu seu depoimento, dizendo ser formado em engenharia mecânica como também em marketing, já está há oito anos fora do do país, cinco anos nos Eua. Fundou a strategy brasil, empresa de consultoria que está ainda no início, que tem objetivo tentar fazer conexão entre as ideias dos Eua e as ideias do Brasil. Durante sua estada na Alemanha fez um trabalho na bmw, e na época eles tinham as mesmas dificuldades de ter o conhecimento dentro de seus projetos. Grande dificuldade na época seria ter uma via de duas mãos. Há muita gente com vontade de contribuir com o Brasil em geral, a principal dificuldade é exatamente a falta deste canal, que agora está sendo construído pela Rede Diáspora.

Ricardo (Abdi), em seguida, disse que os resultados das Agendas Tecnológicas Setoriais tem inspirado a Finep e o Bnds para financiamento e lançamento de projetos inovadores. Isso já aconteceu no Inova-Defesa, Inova-Energia, e elas servem muito para subsidiar isso. Também ressaltou trabalhar as Agendas em proximidade com o Ministério da Saúde, onde se necessita da tecnologia como um todo, acessíveis a grande massa da população brasileira. Essa é uma necessidade premente para a Diáspora Brasileira , com possíveis contratações de “experts” para levantar essas novas tecnologias.

Pedro Álem (Cni) frisou ser necessário ter clareza de quem é melhor para fazer o que, com a finalidade de a rede funcionar melhor, com o apoio da experiência da diáspora com a Abdi.

Marcus Vinicius (Mdic) ressaltou que veio solicitar ajuda em alguns projetos que está executando. Já estava levando para o Brasil dois projetos garantidos que o Mdic irá financiar graças à diáspora, que conseguiu as reuniões certas. Existe uma baixa qualidade em termos de negócios com as Starups no Brasil, falta uma noção de "business". Falta "perna nesse processo, não só de capacitação, mas também de conexão. Marcus estruturou o Inovativa Brasil, de modo a treinar empreendedores de altíssimo nível, usando uma plataforma online para quem não tem chance de estar numa aceleradora ou dentro de uma incubadora, sendo básica a falta de conhecimento de negócios. Outro fato ressaltado são os poucos resultados no Brasil, tendo, dessa forma, chamado a "endeavour" para ajudar nesse processo e Mackinsey para de estrutura a Inovativa. Dessa forma, começou-se a desenhar um piloto esse ano, baseado em templates, conteúdo e etc. Adicionalmente, para o ano que vem irá trabalhar toda a cadeia de saúde e agroindústria, com conteúdos específicos, mentorias específicas e conexões específicas. A segunda fase será criar uma rede de mentores nacionais e internacionais para ajudar as startups.

Após essa apresentação, Ilana fez outra sugestão para a Rede, de construir um "guideline", para saber o quem se deve falar e etc, no Brasil, para se efetuarem as ações.

Em seguida, Chow faz uma pergunta, de como está o estado atual da propriedade intelectual no Brasil.

Adelaide (Inpi) respondeu que atualmente está acontecendo um "boom", uma forte expansão, mas ainda pequena em relação aos Eua e China, com a grande maioria dos depósitos de não residentes. O Brasil criou grandes programas de genéricos, e as empresas conseguiram fazer isso porque registraram propriedade no Inpi. A maioria dos depositantes são Universidades, haja vista que as empresas quase não praticam a Pesquisa e o Desenvolvimento, por aquilo que não foi depositado no país não pode copiar. Disse que Inpi não confia na capacitação para copiar, mas que é necessário sim a

capacitação para inovação, pois o Brasil não possui ainda uma cultura de aplicação industrial de invenções, além de atração de investidores e centros tecnológicos, em prol do desenvolvimento do país.

Sueli (Abdi) frisou que a governança é fundamental, e que talvez essa seria recomendação dessa reunião, colocar a Abdi na formatação dessa governança, junto com Cni, sendo muito importante essa parceria, com foco em negócios e parcerias, sejam Icts (institutos de ciência e tecnologia, empresas e etc. A atração de investidores e agentes é crônica no país, se não alterar a legislação restritiva , apesar de já existirem iniciativas para alterar essa questão. Dois assuntos principais, governança e a questão de patentes.

Em seguida, a Embaixada do Brasil frisou que irá oferecer total apoio à iniciativa de criação de um Pub Washington, nos moldes do grupo em Boston.

Cristina Caldas asseverou que o investimento em grupos organizados é estratégico, haja vista não ser de alto custo e oferecer resultados concretos.

Eduardo do Couto chamou a atenção para o não esquecimento do Mre nessas ações, pois podem facilitar este trabalho de como conectar-se melhor, além da Abdi reforçar as outras as redes.

Cristina e Eliseu ficaram de trocar experiências para a criação do Pub-Washington o mais rápido possível, além do investimento da Abdi nessas redes locais no exterior para manter essa chama acesa.

A Embaixada ficou de identificar novas pessoas para compor o novo Pub-Washington e receber mais informações.

Outra questão levantada foi sobre a divulgação do potencial do mercado Brasileiro para os americanos, que somente trabalham com o eixo Europa, Ásia e Estados Unidos.

O papel de cada um na Rede Diáspora não está claro, não está definido. A questão da governança deve ser construída para utilizar as sinergias. Apesar do foco tecnológico, existe também o foco científico, e as questões culturais não podem ser colocadas em segundo plano.

A Cni apoia a Rede Diáspora, com oportunidades de parcerias com as empresas, vislumbrando possibilidades de benefícios das agências de Fomento



REDE DIÁSPORA BRASIL



A Abdi e Cgee vem trabalhando na agendas setoriais. Identificar o papel que a Diáspora pode ter no levantamento de novas tecnologias.

Relatoria: Rodolfo Milhomem de Sousa